



O JARDIM DO IMAGINÁRIO NA OBRA DE DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

THE GARDEN OF THE IMAGINARY IN THE WORK OF
DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

EL JARDÍN DE LO IMAGINARIO EN LA OBRA DE
DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

*Gabriel Kafure da Rocha**

*Thácio Ferreira dos Santos***

RESUMO

O presente estudo visa apresentar num primeiro momento alguns elementos biográficos e teóricos da antropóloga Danielle Perin Rocha Pitta, para em seguida mostrar como seus estudos, e sobretudo, sua atitude investigativa se aproximam de algumas das posições pós-bachelardianas. Retomam-se alguns conceitos durandianos frequentemente reexaminados pela antropóloga, tais como, schème, arquétipo, mito, para aplicá-los ao estudo do imaginário da arte e outros aspectos da realidade social-antropológica. Finalmente, apontar-se-á para a necessidade de uma prática de pesquisa mais abrangente, capaz dar conta da globalidade o ser humano e de conciliar razão e emoção, conceitos e imagens. Muitos indícios nos levam a crer que os longos anos de trabalhos de Rocha Pitta ajudaram a fazer florescer um jardim de

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor de Filosofia e Coordenador do Núcleo PROF-FILO do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Docente Permanente do PPGFIL UECE. E-mail: gkafure@gmail.com.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco e graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: thacio.fdossantos@gmail.com.



imagens, a partir consolidação do campo de estudos sobre o imaginário no Brasil no qual lançar mão da metodologia de convergência de hermenêuticas é o caminho para compreensão dos fenômenos da imaginação.

Palavras-chave: Rocha Pitta. Convergência. Fenomenologia. Jardim de Imagens.

ABSTRACT

The present study aims to present some elements of the anthropologist Danielle Perin Rocha Pitta, and then show how her studies, and above all, her investigative attitude, approach some of the post-Bachelardian positions. Some Durandian concepts frequently reexamined by the anthropologist are taken up, such as schème, archetype, myth, to apply them to the study of the imaginary of art and other aspects of social-anthropological reality. Finally, the need for a more comprehensive research practice will be pointed out, capable of dealing with the human being as a whole and reconciling reason and emotion, concepts and images. Many indications lead us to believe that the long years of work by Rocha Pitta helped to make a garden of images flourish, based on the consolidation of the field of studies on the imaginary in Brazil, in which making use of the methodology of convergence is the way to understand the phenomenon's imagination.

Keywords: Rocha Pitta. Convergence. Phenomenology. Garden of Images.

1 INTRODUÇÃO

Há mais de quatro décadas, a professora e antropóloga Dra. Danielle Perin Rocha Pitta, desenvolve um trabalho pioneiro no que se refere à aplicação dos métodos de pesquisas do Imaginário aos diversos campos do saber, como por exemplo, em antropologia, arquitetura, ciências das religiões, dentre outros. Seu trabalho de inspiração multidisciplinar tem contribuído significativamente para a propagação, pelas terras brasileiras, da obra de seu estimado amigo e mestre, o ilustre antropólogo francês Gilbert Durand (1921-2012).

Durante esse período de profícua produção e atividade acadêmica, a antropóloga franco-brasileira não somente liderou e apoiou diversos grupos de pesquisas interessados na problemática do imaginário, do simbolismo, do cotidiano, da complexidade, como também organizou diversos eventos científicos que reuniram pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Essa árdua tarefa educacional e científica se complementa com o trabalho de orientação de dissertações e teses inspirados nos

métodos de pesquisas sobre o imaginário¹. O seu esforço teórico em propagar uma abordagem interdisciplinar do imaginário parece ter lhe rendido frutos, tal como se pode observar através de levantamentos bibliográficos recentes (ROCHA PITTA, 2018). O campo de pesquisas sobre o imaginário tem efetivamente se consolidado, visto que as produções científicas sobre o tema continuam se expandido no país. Para além do domínio antropológico, os métodos de investigação do imaginário inspiram pesquisas em psicologia, em antropologia, em educação, nas artes, e ainda em arquitetura, comunicação, ciências da religião, literatura, entre outras disciplinas (SANCHEZ TEIXEIRA, 2005).

Diante desta observação preliminar, pode-se afirmar, de maneira figurativa, que o jardim de imagens da antropóloga floresceu. A metáfora do jardim tem a ver, no entanto, com aquilo que se pode ajudar a fecundar, a fazer crescer, embelezar os saberes científicos e humanísticos, em uma palavra: Trata-se, sobretudo, de saber cultivar a árvore² da imaginação pretendida por G. Bachelard (BACHELARD, 2001; DURAND, 2012; WUNENBURGER, 2018).

De maneira geral, seus escritos parecem carregar a marca de um anti-positivismo; apontam ainda para a abertura ao mundo da vida, das vivências, do cotidiano, da complexidade do mundo dos fatos humanos. Tal como M. Maffesoli, que seguiu as abordagens bachelardiana e durandiana, Rocha Pitta herda dos seus mestres "...a

¹ Para se ter uma visão geral das pesquisas realizadas nos últimos anos pelos pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário-NIPI, convém visitar os sites do NIPI e da Associação Ylê Sêti do Imaginário. Além de outras informações relevantes sobre os estudos sobre o imaginário, é possível ter acesso a uma lista extensa de trabalhos e publicações orientados e dirigidos pela professora Rocha Pitta: Associação Ylê Seti do Imaginário (yle-seti-imaginario.org)

² A este respeito convém lembrar que a árvore é a chave para a compreensão da verticalidade em Bachelard, uma vez que a arborescência remete ao pensamento complexo imanente-transcendente. "Não é a forma de uma árvore retorcida que faz a imagem, mas é a força de torção, e essa força de torção implica uma matéria dura, uma matéria que se endurece na torção. Eminente privilégio da imaginação material que trabalha com palavras que não são as suas, com signos da imaginação das formas." (BACHELARD, 2001. p. 67), nessa mesma linha Wunenburger também assinala que "Olhar uma árvore, por exemplo, não desperta na consciência somente a representação de ideias simplesmente associadas, como um jardim de prazeres ou o corte da madeira para aquecer, mas conduz a, por exemplo, imagens de vida e mesmo de uma vida dotada de longevidade impressionante, e, finalmente, à ideia de uma eternidade para além da morte. A imagem se torna, a partir de então, em sentido estrito, simbólica, no sentido de que sua força psíquica, sua consistência semântica vêm de metassignificações que são, de uma só vez, ligadas ao conteúdo e desligadas porque pertencem a um outro nível de experiência sensível ou inteligível" (WUNENBURGER, 2018, p. 62), defendemos portanto que o jardim de imagens de Danielle Pitta é justamente a harmonização das árvores de imagens destes grandes pensadores numa justaposição paisagística para nossa compreensão na qual ela própria é uma flor que desabrocha nosso pensamento para a compreensão da complexidade das vertentes dos estudos do imaginário.

sensibilidade para uma abordagem fenomenológica e a consciência da importância da dimensão dinâmica e conflitante da vivência social” (ROCHA PITTA, 1997, p.20).

A identificação de pontos convergentes entre tal perspectiva antropológica e a fenomenologia poética podem nos ajudar a compreender como recentes métodos de pesquisas e teorizações em ciências humanas tem rompido com o modelo de investigação pautado nas ciências naturais. O presente estudo visa, assim, elencar alguns elementos de inspiração fenomenológica na obra da professora Rocha Pitta, para em seguida mostrar como seus estudos, e sobretudo, sua atitude investigativa se aproximam de algumas das posições fenomenológicas, ainda que tenha constituído suas investigações no terreno pós-bachelardiano.

Tendo em vista o objetivo já exposto, dividimos nosso estudo em três momentos. Na primeira etapa, busca-se realizar uma breve apresentação do percurso acadêmico da estudiosa em questão. Retraçaremos, inicialmente, os principais momentos da formação de Rocha Pitta, seu alinhamento a perspectiva teórico-metodológica de G. Durand, bem como seu engajamento no que diz respeito a fundação de centros interdisciplinares de estudos sobre o imaginário no país, e especialmente em Recife. Em seguida, retomaremos alguns conceitos durandianos, frequentemente reexaminados pela antropóloga, tais como, schème, arquétipo, símbolo e mito. Por fim, abordaremos algumas de suas lições antropológicas dentro da perspectiva da fenomenologia poética; ensinamentos que apontam para a necessidade de uma prática de pesquisa mais abrangente, capaz de conciliar razão e emoção, conceitos e imagens, em vista de uma compreensão mais ampliada e global do ser humano.

2 OS INÍCIOS, AS SEMENTES E O SOLO FECUNDO DO IMAGINÁRIO BRASILEIRO

Nascida na França, a Dra. Danielle Perin Rocha Pitta nutre uma grande afeição pelo Brasil, desde 1949. Professora associada aposentada do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco em Recife, continua em atividade, participando de diversos organismos científicos. É atualmente membro do bureau diretor do Centre de Recherche International sur l'imaginaire (CRI2I) sediado em Cluj, Romênia, e membro da Rede Ibero-americana de Investigações sobre o Imaginário e Representações (RIIR). Ocupa ainda o cargo de

presidente da Associação Nacional Ylê Setí do Imaginário e de vice-presidente da Association des amis de Gilbert Durand (AAGD), sediada em Chambéry, França. Desde a década de 1990 coordena e colabora com pesquisas realizadas pelo Núcleo Interdisciplinar de pesquisas sobre o imaginário (UFPE).

Dentre a várias obras e escritos publicados destacam-se, entre outros, artigos em revistas especializadas, no Brasil e no exterior. Embora a lista de publicações da autora sobre o imaginário seja extensa, convém mencionar, para que se possa ter uma ideia de sua produção científica e cultural, alguns dos seus títulos: *Simbolismo em Pernambuco. Ciência e Trópico*, Recife, 1983; *Une des formes de la réception de l'œuvre de Bachelard au Brésil : méthodologies des images*, in : *Cahiers Gaston Bachelard*, N°4 *Bachelard au Brésil – EUD*, 2001; *Para uma arquitetura sensível. Revista de Antropologia (PPGA/UFPE)*, UFPE Recife, v. 1, n.2, 1998. v.1; *L'imaginaire comme méthode d'appréhension des cultures complexes. Bulletin de Liaison Des Centres de Recherche Sur L'imaginaire*, Dijon - França, v. 1, 1998. Entre os livros publicados, deve-se dar uma ênfase especial aos trabalhos introdutórios ao pensamento de Gilbert Durand, como por exemplo: *Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand*, Curitiba: CRV, 2017; *Ritmos do Imaginário (Org.) – Recife: Ed. UFPE – 2005*. Dentro desse contexto de produções acadêmicas, convém ainda lembrar que a professora Rocha Pitta contribuiu com a elaboração de espetáculos teatrais, artísticos e exposições³.

A quase totalidade da produção científica citada acima se deu no seio do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário fundado oficialmente em 1975. O Centro partia de um projeto da professora Rocha Pitta que, após ser apresentado a direção do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (Fundaj), obteve aprovação para o funcionamento de suas atividades. O Centro constituía uma divisão do departamento de antropologia e era organizado segundo o modelo do Centro de Estudos sobre o Imaginário dirigido por Gilbert Durand em Grenoble, na França. Seus objetivos eram inicialmente os seguintes: Organizar os estudos sobre o imaginário, reagrupando diversos setores de pesquisas que trabalhavam sobre o assunto; organizar e executar

³Para se ter uma visão mais completa da produção bibliográfica e cultural da autora, recomendamos ao leitor visitar a página da Rede Ibero-americana de Investigações sobre o Imaginário e Representações (RIIR), disponível no seguinte link: Danielle Perin Rocha Pitta « Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones (RIIR)

programas de estudos e pesquisas com temas definidos; organizar seminários e encontros, reunindo pesquisadores de diferentes campos; divulgar os resultados de trabalhos efetuados com o objetivo de desenvolver o interesse pelo campo de estudos sobre o imaginário no Nordeste (ROCHA PITTA, 2018).

Com o início da década de 1990, se inaugura um novo momento para os estudos sobre o imaginário no nordeste do Brasil: Rocha Pitta transfere o Centro e as pesquisas em desenvolvimento, que até então estavam sendo realizadas na Fundaj, para Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O novo centro de estudos, que se tornou Núcleo de Pesquisas, passou a integrar o Departamento de Antropologia e Museologia. Com relação a esta nova etapa nas pesquisas sobre o imaginário na capital de Pernambuco, a antropóloga nos relembra o seguinte:

[...] estes estudos tiveram continuidade no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário, ainda hoje sob a minha coordenação, tendo por vice-líder a professora Vitória Amaral (ROCHA PITTA, 2018, pp.124-125).

Apesar do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário (NIPI) se instalar em um meio universitário - o que significou assimilar algumas mudanças na condução das atividades - manteve-se, contudo, fiel ao estilo de trabalho e de investigações da época da Fundaj: De maneira geral, as atividades eram ordenadas da seguinte forma: Organização de reuniões regulares entre os seus membros, apresentação de estudos em andamento de mestrandos e doutorandos e de pesquisadores de diversas instituições, constituição de acervo especializado, reagrupamento e formação de uma rede integrada de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, organização de eventos científicos nacionais e internacionais, publicações, dentre outras iniciativas. O Núcleo, desde sua fundação, manteve sempre como emblema a imagem da besta Brusacã, figura mítica desenhada pelo escritor Ariano Suassuna em sua obra *A Pedra do Reino*. Cabe destacar aqui que Suassuna, professor e colega de Rocha Pitta na UFPE, participou igualmente de eventos científicos realizados pelo Núcleo.

O Núcleo e suas iniciativas contaram, desde seu surgimento, com apoio integrado de instituições internacionais como o Centre de Recherches sur l'Imaginaire, Université Paris-V, GRECO-CRI (Groupement de Recherches Coordonnées) e o CEAQ (Centro de Estudo sobre o Atual e o Cotidiano da Universidade René Descartes-Sorbonne). Além disso, mantém intercâmbio com instituições regionais e nacionais como a Fundação Joaquim Nabuco e a Associação Nacional Ylê Setí do Imaginário, o CICE (Centro de Estudos em Imaginário, Cultura e Educação da USP), o Centro de Pesquisa sobre o Imaginário da UNIR (Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas do Imaginário Social). Os Ciclos de Estudos sobre o Imaginário, passaram a ser organizados pelo trabalho pioneiro e sistemático do referido Núcleo, constituindo uma referência internacional na produção e troca de informações sobre o imaginário. Desde a década de 1990, foram realizados diversos Ciclos de estudos, contemplando os seguintes temas: Localismo afetual (1995); Imaginário e complexidade (1996); Imaginário e cibercultura (1998); Imaginário e Memória (2000); Imaginário do Terror (2002); Espaços Imaginários e Transculturalidade (2004); As dimensões Imaginárias da Natureza (2006); Imaginário do envolvimento / desenvolvimento (2008); e por fim, Imaginário e as dinâmicas do segredo (2011).

Sem dúvidas, os desenvolvimentos dos campos de investigação citados encontraram apoio na fenomenologia de inspiração bachelardiana. Durante décadas, Rocha Pitta e seus colaboradores do NIPI, ao se apoiarem na fenomenologia poética bachelardiana, assim como nos métodos durandianos de estudos sobre o imaginário, puseram em questão de que modo um cientista social e estudioso do imaginário, poderia efetivamente dar conta de uma realidade tão dinâmica e complexa como é o caso da cultura brasileira, uma vez que as abordagens clássicas em ciências humanas são insuficientes para compreender o ser humano em sua globalidade e complexidade.

Tal como M. Maffesoli, Rocha Pitta (1997, p.20) herda Bachelard e Durand a sensibilidade para uma abordagem fenomenológica da imagem, assim como percebe a importância do dinamismo constitutivo de toda vivência social, e da dimensão mítica que move as transformações socioculturais. Nesse sentido, como vemos mais adiante, a noção durandiana de “trajeto antropológico”, vai ter grande relevância no desenvolvimento de sua obra, pois através da apreensão desse trajeto, é possível

compreender as bases míticas profundas que mobilizam e dinamizam a vida social (DURAND, 2016).

3 O MÉTODO DO IMAGINÁRIO

O primeiro ponto a ser destacado na obra de Danielle Rocha Pitta, é o lugar que a antropóloga dá a imaginação, pois, contrariamente as abordagens de inspiração positivista, ela postula que "...imaginar é criar o mundo, é criar o universo, seja através das artes, seja através das ciências, ou através dos pequenos atos, profundamente significativos, do cotidiano." (ROCHA PITTA, 2017, p. 40). Seguindo a inspiração de Bachelard, ela postula que, a imagem é primeira, ou seja, anterior aos processos racionais. Em seguida, na esteira da antropologia durandiana, a antropóloga mostra em seus estudos como as imagens podem vir a ser traduzidas por relatos míticos fundantes de cada cultura, fornecendo, assim, "modelos de comportamento", ou seja, permitindo "a construção individual e coletiva da identidade" (PITTA, 2019, p.560).

Em sua obra *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*, Rocha Pitta (2017) inicia sua reflexão sobre "O que é imaginário" de modo sintético e acessível para os estudiosos da imaginação simbólica. Nesta obra, ela nos adverte que o ato de simbolizar diz respeito à condição humana, embora esse aspecto tenha sido historicamente desvalorizado no ocidente. Mas com a sistematização recente do campo de estudos sobre a imagens, devido também ao desenvolvimento das obras de Bachelard e Jung, assim como em virtude da fundação da Société de Symbolisme em 1950 e da publicação dos Cahiers Internationaux de Symbolisme, um novo momento se inaugura no campo de estudo dos símbolos. A partir daí começam a se destacar os grandes temas que constituem o Centre de Recherches sur l'Imaginaire criado por Gilbert Durand em 1967 e o Núcleo do Imaginário da UFPE. Desde então, uma série de investigações realizadas por pesquisadores de vários países vão colocar em evidência as camadas culturais, históricas, mitológicas, literárias e linguísticas que compõe a essência e raiz do dinamismo do imaginário.

Nesse novo contexto teórico de pesquisas sobre as imagens, o símbolo passa ser compreendido antes como expressão de um sistema cultural específico. A comunicação entre os diferentes sistemas simbólicos poderá se realizar, no entanto, através das ciências, mas também por meio da arte, mitologia e religião. A apreensão das estruturas antropológicas do Imaginário proposta por Durand (2006) vai permitir

delinear o "trajeto antropológico" de uma cultura específica, e "compreender a articulação básica existente entre os diversos sistemas" (ROCHA PITTA, 2004).

Levando em consideração os ensinamentos durandianos, Rocha Pitta afirma, por exemplo, que o simbolismo é uma maneira de expressar o imaginário culturalmente. Baseando-se nos postulados de seu mestre, a antropóloga esclarece ainda alguns conceitos durandianos, dentre eles o conceito de schème, que diz respeito ao plano sensório-motor, algo anterior a formação da imagem; espécie de "junção entre gestos inconsciente e representações" (PITTA, 2017, p 22), e tem como exemplo a verticalidade e a intimidade. Já o arquétipo, – a representação dos schème – é definido enquanto a junção entre "o imaginário e os processos racionais" (PITTA, 2017, p. 23) e tem como exemplo o arquétipo do chefe e da mãe. Símbolo e mito podem ser então compreendidos como representações de relações de sentidos.

O schème é, pois, a dimensão mais abstrata, correspondendo ao verbo, à ação básica, à intenção do gesto: por exemplo, dividir, unir, confundir. O arquétipo, dando forma a esta intenção fundamental, já vai ser uma imagem mais concreta, o herói, a mãe, ou o tempo cíclico, mais universal. Já o símbolo, vai ser a tradução desse arquétipo dentro de um contexto cultural mais específico (ROCHA PITTA, 2017, p. 24).

O mito, por sua vez, conjuga arquétipos e símbolos numa narrativa simbólica que busca explicar o sentido das coisas, tais como os eventos naturais como as experiências do homem. Durand, ao investigar mitos de diversas culturas, classifica o imaginário nos regimes diurnos e noturnos, para estudar o isomorfismo dos schèmes, arquétipos e símbolos.

No regime diurno prevalecerá símbolos que se referem a distinção, já no noturno, a conciliação. A criação e a imaginação permitem justamente superar os semblantes do tempo que são representados pela ambiguidade sem fim das imagens da angústia causadas por essa tensão diuturna, na qual o medo da morte tende a não aceitação

das imagens que aparecem nos temas dos símbolos teriomórficos (relativos à animalidade), nictomórficos (relativos à noite) e catamórficos (relativos à queda).

Os símbolos teriomórficos estão ligados aos insetos e sua significação de repugnância e caos; a animação dos animais e seus agouros, como o touro, e o seu simbolismo de morte e fuga; ou a mordicância de ser devorado por uma fera. Os símbolos nictomórficos são classificados e subdivididos em situações de trevas, a decadência e a cegueira, a água escura como a tristeza do rio com águas paradas, o aspecto lunar e menstrual feminino. Já os símbolos catamórficos expressam a queda, o labirinto, o abismo. Esse último exige a destruição do aspecto cíclico do tempo para promover uma nova realidade.

No regime diurno, Rocha Pitta releva a estrutura da jornada do herói com os símbolos de ascensão: verticalidade, angelismo, potência uraniana e chefia. Também se destacam os símbolos espetaculares: a luz e o sol, o olho e o verbo, ou seja, o conhecimento divino e sua transcendência purificadora. Por fim, há os símbolos da divisão ou diairéticos, nos quais o herói retoma suas armas para cortar, ou seja, separar o bem e o mal.

Na medida em que o regime diurno divide, o noturno une, e faz com que o herói desça aos abismos para conhecer suas sombras, e nisso se encontra com a estrutura mística do imaginário. A mística é entendida aqui como uma construção de harmonia, já que o abismo deixa de ser aquele fundo sem fundo e começa a ser um receptáculo para o que é fecundo, originário. Há uma inversão antropofágica, um retorno ao ser mãe, a espontaneidade da criança, a água da vida na harmonia mística da intimidade consigo e com as coisas em convergência. Assim vai se estruturando o trajeto antropológico, no intercâmbio do imaginário e das estruturas subjetivas que emanam do cosmo e da sociedade.

O objetivo do método durandiano, retomado por Rocha Pitta, é então delimitar os grandes eixos dos trajetos antropológicos. E isto é feito a partir de uma sensibilidade poética. Trata-se de delinear as constelações de imagens estruturadas por um certo isomorfismo dos símbolos convergentes. "A convergência é mais uma homologia do

que uma analogia", como em música uma variação sobre um mesmo tema. Os símbolos só têm sentido quando situados em um contexto definido por uma dinâmica específica, que os reúne em constelações. (ROCHA PITTA, 2004, s/p)

A estrutura sintética do imaginário é então situada pelo método de convergência, por sua vez, ao equilíbrio dos contrários, ou melhor, ao reequilíbrio que é primeiramente vital ou biológico, depois psicossocial entre as pulsões individuais e do meio ambiente em que se vive. Uma reequilíbrio social e histórica da sociedade, e por fim, um reequilíbrio antropológico, entre oriente e ocidente, entre espiritualidade e racionalidade.

4 DAS DICOTOMIAS À COMPLEXIDADE DAS IMAGENS

Além das pesquisas sobre imaginário artístico nordestino, os trabalhos de Rocha Pitta chamam atenção para a mudança de paradigmas em curso no ocidente. Nesse sentido, ela nos recorda que os estudos de Durand acerca do Imaginário e da Imaginação simbólica marcam uma ruptura epistemológica, e ao mesmo tempo, apontam para um novo momento nas assim chamadas “ciências humanas”. Esse novo momento diz respeito à renúncia, ou pelo menos, a relativização de perspectivas reducionistas, tais como: o positivismo, o evolucionismo, o funcionalismo, o estruturalismo, etc. A ciência do Imaginário, criticando toda hermenêutica “reduzora”, vai propor então uma metodologia específica, baseada em um novo paradigma, com propostas, a partir de uma hermenêutica “instauradora”, de uma “convergência” das hermenêuticas.

Não se trata mais de reiterar um paradigma do tipo clássico, cuja ênfase incide geralmente sobre a lógica binária. Muito menos, em operar o pensamento somente através de oposições e exclusões, mas trata-se de se difundir um novo paradigma que “nos parecem ser menos etnocêntricos na medida em que estão atentos a lógicas

outras (lógica do terceiro incluído), à dinâmica subjacente às culturas (trajeto antropológico), ao simbólico (simultaneamente universal e específico)”⁴.

O Novo Espírito Antropológico durandiano fundado no deslocamento da ruptura, na pluralidade, no paradoxo e na similitude, abre-se inteiramente para uma lógica da complexidade, lógica essa que integra os elementos ou partes em um todo, numa relação ao mesmo tempo de complementariedade e antagonismo.

O que está em jogo é transpor as grandes bases do pensamento moderno: a linearidade, a objetividade, a causalidade. Retomando a visão de mundo tradicional, aquela que recusa uma ruptura ontológica entre o eu subjetivo e um cosmos objetivo, a perspectiva do imaginário lança os postulados da nova ciência que se ancora noutras bases: na subjetivação, na singularização e no princípio da similitude.

Os determinismos que instituíram as ciências modernas e seus respectivos modelos de pesquisas, foram fundamentos em uma episteme cujo princípio mais destacável é, como já citamos, o da linearidade temporal. Mas, o declínio desse paradigma vem dando lugar a uma nova episteme que leva em conta as flutuações, bifurcações e instabilidades como bem demonstrou o químico Ilya Prigogine (1996). Nesse novo panorama, a natureza e o universo reaparecem enquanto enigmas para o pensamento ocidental.

De acordo com o próprio Durand (1989), muitos foram os responsáveis por esta ‘subversão’ epistemológica. No século XX vemos aparecer a microfísica de Planck, a mecânica ondulatória de Broglie, as pesquisas de Lupasco, Thom, Bohm, e, sobretudo a filosofia do não de Bachelard, instauradora de uma lógica não-aristotélica, e de um não determinismo espaço-temporal. Essa nova visão de mundo desenvolvida pelos físicos quântico-relativistas, onde o dinamismo é fator primordial, é também encontrada na Antropologia do Imaginário, como bem observou Nogueira (2011).

De maneira geral, Gilbert Durand compreende que as cosmologias científicas modernas, sobretudo o racionalismo e o materialismo, acabaram por distanciar alma/homem, o que corresponde à perda da totalidade. Na medida em que se reitera

⁴ Consultar o texto: “Das dicotomias à complexidade: novos paradigmas, novas éticas”, de autoria de Danielle Pitta. <http://www.yle-seti-imaginario.org/home/artigo/Das-dicotomias-complexidade-novos-paradigmas-ovas-ticas/39>.

a fragmentação, questões fundamentais do ser humano permanecem irresolúveis, de maneira que: “As cosmologias científicas não falam da alma, portanto, não falam à alma, não falam sobre a sua razão de ser, como ela vem a ser, e quais são suas prováveis tarefas” (HILLMAN, 2001, p. 59).

O positivismo comteano, por exemplo, priorizou exclusivamente a experiência sensível como única capaz de produzir conhecimento da realidade, promovendo assim, uma ruptura radical entre homem e mundo, mente e corpo.

No último século, às ciências humanas (psicologia, sociologia, história, etnologia) enclausuraram-se em suas especificidades: o resultado foi à fragmentação dos diversos níveis do conhecimento da vida. No que diz respeito à relação física/biologia/antropologia, cada um destes termos foi isolado, e a única ligação concebível foi à redução da biologia à física, da antropologia à biologia (MORIN, 2008, p. 31).

É daí que a fenomenologia poética surge como resposta a toda a hermenêutica redutora. É, pois, possível ao cientista social se aproximar de uma realidade sociocultural complexa, por meio da apreensão do dinamismo das imagens. Nesse sentido, é necessário considerar que os métodos de análise clássica sobre o ser humano não são mais suficientes para dar conta da globalidade do *Sapiens*. A antropóloga do imaginário nos lembra ainda que a relação objetiva entre sujeito e objeto já foi invalidada pelas descobertas da física quântica, entre outras. Teorias sobre o evolucionismo cultural se desgastaram. Desde então, novos paradigmas emergem quase unanimemente para as várias ciências, e cada vez mais o próprio conceito de ciência diz respeito ao conhecimento múltiplo e aberto. É neste contexto de ultrapassagem dos paradigmas vigentes que convém direcionar-se para a fenomenologia poética proposta por Gaston Bachelard (1989). A abordagem bachelardiana possibilita a compreensão da realidade através da imagem, deixando-se levar pela polissemia do discurso (ROCHA PITTA, 2019, p.562). A partir dessa perspectiva, é possível dizer que qualquer produto científico é antes o resultado da interação recíprocas entre sujeitos e objetos.

Rocha Pitta nos lembra também que toda cosmovisão é explicitada, de algum modo, nos relatos míticos. Por este motivo, o pensamento durandiano considera que todo

conhecimento sobre o ser humano é antes atravessado pela dimensão mítica. Se a imagem é primeira, é porque ela é essencialmente simbólica, remetendo a uma representação específica do mundo. No intuito de captar a dinâmica social, antropóloga retoma em seus estudos a noção durandiana de “trajeto antropológico”; tal trajeto permite, aliás, identificar o incessante intercâmbio existente, no nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social (DURAND, 1997). Ao retomar as lições durandiana em seus trabalhos, a antropóloga do imaginário defende o argumento que a linguagem universal para a compreensão de uma cultura não é, pois, o discurso racional, mas o nível simbólico no qual, confrontado com a angústia existencial que surge da consciência da passagem do tempo e da morte, todos os homens se encontram. Nesse sentido, a antropologia do imaginário nos leva a compreender que cada cultura constrói a sua própria dinâmica, o seu próprio trajeto antropológico (ROCHA PITTA, 2019, p.563).

5 CONCLUSÕES

Os trabalhos de Danielle Perin Rocha Pitta se inserem em um novo quadro paradigmático, caracterizado pela revalorização antropológica do imaginário e do mito. O mundo das imagens está pois, no centro das suas investigações sobre o ser humano. Os seus estudos configuram-se como uma tentativa de restituir, na esteira de seus mestres Durand e Bachelard, uma nova ciência do homem; com toda a originalidade do seu trabalho, encontramos um conhecimento fecundo, baseado na apreensão polissêmica das imagens produzidas e reproduzidas na cultura contemporânea. Além disso, em Rocha Pitta podemos dizer que encontramos uma chave de compreensão da transição entre o pensamento de Bachelard e Durand, ou seja, entre a fenomenologia poética e a antropologia simbólica. Tal apreensão é realizada em campos de pesquisas bem específicos, como por exemplo, nos seus estudos sobre os índios, as religiões afro-brasileiras, as artes, a psicologia, entre outros campos.

Danielle Perin Rocha Pitta nos mostra assim como a análise fenomenológica tem várias dimensões e camadas que variam do concreto ao abstrato, e nessa variação o objeto investigado deve ser apreendido ao mesmo tempo através de uma sólida

formação teórica, ou seja, através de uma razão sensível, mas também pela capacidade de sonhar própria de que desenvolve uma sensibilidade poética. O presente artigo procurou então evidenciar a trajetória da pesquisadora enfatizando sua relevância como uma grande difusora dos estudos do imaginário em diversos ambientes acadêmicos, em estratos sociais, mas fundamentalmente desdobrando uma teoria que teve germinação na imaginação criadora da fenomenologia bachelardiana e nas Estruturas Antropológicas do Imaginário de Durand tornando o Brasil, Nordeste e Pernambuco lugares academicamente relevantes no contexto internacional de pesquisas sobre as imagens. Diante dos argumentos apresentados, pode-se afirmar que o jardim das imagens, ou seja, o terreno de estudos sobre o imaginário é hoje solo fecundo. Solo que germinou e hoje dá vida a uma diversidade de pesquisas e de novas abordagens sobre o imaginário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de; ROCHA PITTA, D. P.. Da galáxia ao tacho de barro. In: WILLMS, Elni Elisa; BECCARI, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. (Org.). Diálogos entre arte, cultura & educação. 1ed.Sao Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2019, v. 1, p. 560-570
- BACHELARD, G. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, G. A poética do Espaço. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. A terra e os devaneios da vontade. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DURAND, G. Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire. Paris, Duond, 2016.
- DURAND, G. Ciência do Homem e Tradição: o novo espírito antropológico. São Paulo: Triom, 2008.
- DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à arquetipologia geral. S. Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, G. A imaginação simbólica. São Paulo: Perspectiva do Homem, 1993.
- DURAND, G. A fé do sapateiro. Brasília: EDUnB, 1995.
- DURAND, G. La crisis espiritual en Occidente - Las conferencias de Eranos. Madrid: SIRUELA, 2011.
- HILMANN, J. O código do ser – Uma busca do caráter e da vocação pessoal. Trad. Adalgisa da Silva. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- MORIN, E. O método I. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NOGUEIRA, M. A. (ex) (des) estrutura em Gilbert Durand. Cadernos de Estudos Sociais, América do Norte, 9, jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD/article/view/355>. Acesso em: 1 Set. 2022.

PRIGOGINE, Y. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, Editora ABDR, 1996.

ROCHA PITTA; CALLEGARI COPPI; ALMEIDA (Organizadores). Imaginário do terror / São Paulo: FEUSP, 2019 – on line

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/346/304/1268-1?inline=1>

ROCHA PITTA, D. P.. (2018). Estudos sobre o imaginário no Brasil e a influência de Gilbert Durand. In: SAEZ, Felipe Andrés Aliaga; PALENQUE, Maria Lily Maric; MENDOZA, Cristhian José Uribe. (Org.). Imaginarios y representaciones sociales. 1ed. Bogotá: USTA, v. 1, 2018, p. 125-188.

ROCHA PITTA, D. P. Imaginário serial: compartilhamento de arquétipos. Rumores – USP, v. 11, p. 27, 2017a.

ROCHA PITTA, D. P. Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand. Curitiba: CRV Editora, 2017b.

ROCHA PITTA, D. P.; Ramos, S. S. (Org.). Imaginário do envolvimento/ desenvolvimento. Anais do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário, 2011 – on line

http://www.univmontp3.fr/ufr5/irsa/telechargements/XIV_Ciclo_De_Estudos_Sobre_O_Imaginario_ANAIS.pdf. Recife: Associação Ylê Setí do Imaginário

ROCHA PITTA, D. P. (Org.). As dimensões imaginárias da natureza. Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o imaginário, 2006 – on line –

http://www.univmontp3.fr/ufr5/irsa/telechargements/XIV_Ciclo_De_Estudos_Sobre_O_Imaginario_ANAIS.pdf. Recife: Associação Ylê Setí do Imaginário

ROCHA PITTA, Danielle Perin Rocha. Imaginário, cultura, comunicação. Labirinto, Rondônia, nº 6, janeiro-dezembro 2004. Disponível em <HTTP://www.cei.unir.br/artigo64.html>. Acessado em 17 jul. 2022.

ROCHA PITTA, D. P.; Nogueira, M. A. L. (Org.). Imaginário e Complexidade. Revista AntHropológicas – PPGA/UFPE. Recife: Ed. Universitária, 1998a.

ROCHA PITTA, D. P.; Nogueira, M. A. L. (Org.). Imaginário e Localismo afetual. Revista AntHropológicas – PPGA/UFPE, 1996.

ROCHA PITTA, D. P.; Melo, M. R. C. (Org.). Vertentes do Imaginário: arte, sexo, religião. Recife: Massangana/Universitária, 1995.

ROCHA PITTA, D. P. (Org.). Imaginário e Criatividade. Recife: IJNPS, 1976.

ROCHA PITTA, D. P. Imaginário, cultura, comunicação. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário–UNIR. Ano IV nº 6, 2004.

SANCHEZ TEXEIRA, M. C. ROCHA PITTA, D. P. (org.). Ritmos do Imaginário. Recife: Editora Universitária, UFPE, 2005.

WUNENBURGER, J. J. A árvore de imagens. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 41, p. 58-69, jan./abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201841.58-69>.